



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO PROFESSOR ALBERTO CARVALHO  
DEPARTAMENTO DE LETRAS – DLI

MARIA ALICE DA MOTA BATISTA

**MÉTODOS DE LETRAMENTO DA L2 PARA O ALUNO COM SURDEZ EM UMA  
SALA DE RECURSO**

ITABAIANA  
2024

MARIA ALICE DA MOTA BATISTA

MÉTODOS DE LETRAMENTO DA L2 PARA O ALUNO COM SURDEZ EM UMA  
SALA DE RECURSO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras (DLI) da Universidade Federal de Sergipe, Campus Prof. Alberto Carvalho, como requisito final para a obtenção do título de Graduada em Letras-Português.

Orientadora:  
Prof.<sup>a</sup> Msc. Daisy Mara Moreira de Oliveira

ITABAIANA  
2024

MARIA ALICE DA MOTA BATISTA

METÓDOS DE LETRAMENTO DA L2 PARA O ALUNO COM SURDEZ EM UMA  
SALA DE RECURSO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Departamento de Letras (DLI) DA Universidade  
Federal de Sergipe, Campus Prof. Alberto  
Carvalho, como requisito final para a obtenção do  
do título de Graduada em Letras-Português.

Orientadora:  
Prof.<sup>a</sup> Msc. Daisy Mara Moreira de Oliveira

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Prof.<sup>a</sup> Msc. Daisy Mara Moreira de Oliveira  
Universidade Federal de Sergipe  
Orientadora

---

Prof. Dr. Derli Machado De Oliveira  
Universidade Federal de Sergipe  
Membro

ITABAIANA  
2024

“Deus não poderia me inspirar desejos irrealizáveis”

Santa Teresinha do Menino Jesus

## **AGRADECIMENTOS**

Acreditar em sonhos, conquistar vitórias e alcançar objetivos na vida, não é fácil. Na verdade, é bem difícil, mas jamais impossível. Eu diria que o principal é acreditar em si mesmo. E hoje, transbordando de felicidade, eu olho para trás com a sensação de gratidão a Deus por conduzir a minha história da melhor forma possível, sinto que teus planos sempre são os melhores. Aos meus pais José e Lucieda, toda a minha gratidão por acreditarem em mim e nunca medirem esforços para a realização dos meus sonhos. Esse sonho realizado também é de vocês. Ao meu irmão Gustavo, agradeço por sempre se fazer presente em todos os momentos que precisei, conte sempre com sua irmã. Aos meus avôs e avós maternos e paternos minha gratidão pelo apoio, a minha avó Marineuza (in memoria) por sempre acreditar e confiar na realização dos meus sonhos. Quero agradecer em especial a minha orientadora Msc Daisy Mara Moreira de Oliveira, pela paciência e por todo cuidado comigo, desempenhando uma função de importância na minha formação profissional e pessoal. Aos demais familiares, amigos e pessoas incríveis que conheci durante essa fase agradeço pelo apoio no meu crescimento. E por fim agradeço a todos que compartilharam desse caminho de conhecimento e aprendizado.

## RESUMO

A educação de pessoas com surdez vem sofrendo mudanças ao longo de toda a história. Diante disso, o presente trabalho tem como objetivo identificar os métodos de ensino da língua portuguesa na sala de recurso de uma escola no município de Itabaiana. Nesse âmbito, optou-se por uma pesquisa de campo, buscando com base nos pressupostos teóricos entender se o processo de letramento acontece de acordo com a educação bilíngue, a fim de entender como funciona esse ensino. Logo, essa pesquisa é dividida em três partes: observar o percurso histórico da educação voltada ao surdo; identificar como se processa o ensino de L2 para surdos; Averiguar como se processa o ensino do português em uma sala de recurso. Dessa forma, serão utilizados alguns teóricos como: Marconi (2003), Honora (2009), Goldfeld (2002), Soares (2004), Marcuschi (2007), Damázio (2007), Siluk (2014), Cesarin (2014), Quadros e Schimiedt (2010), Quadros e Schimiedt (2006) que na maioria de suas obras apresentam maneiras, formas do ensino de português para surdos, Moura (2000), Lima (2004) manifesta em várias obras a história da educação dos surdos, entre demais autores que apresentam bastante a importância da libras e seus pontos importantes para aquisição da linguagem do surdo. Através desta pesquisa, de campo, podemos concluir que os métodos de letramento da L2 utilizados nessa sala de recurso possuem um efeito positivo, pois a aluna surda letrada faz uso da escrita para comunicação tanto nas redes sociais quanto na escola.

**Palavras-Chave:** L2; Letramento; Educação; Aluno; Surdez.

## **ABSTRACT**

The education of people with deafness has undergone changes throughout history. Therefore, the present work aims to identify the teaching methods of the Portuguese language in the resource room of a school in the municipality of Itabaiana. In this context, we opted for field research, seeking, based on theoretical assumptions, to understand whether the literacy process occurs in accordance with bilingual education, in order to understand how this teaching works. Therefore, this research is divided into three parts: observing the historical path of education aimed at deaf people; identify how L2 teaching for the deaf is carried out; Find out how Portuguese is taught in a resource room. In this way, some theorists will be used such as: Marconi (2003), Honora (2009), Goldfeld (2002), Soares (2004), Marcuschi (2007), Damázio (2007), Siluk (2014), Cesarin (2014), Quadros and Schimiedt (2010), Quadros and Schimiedt (2006) who in most of their works present ways, forms of teaching Portuguese for the deaf, Moura (2000), Lima (2004) express in several works the history of education for the deaf, among other authors who present the importance of Libras and its important points for the acquisition of language by the deaf. Through this field research, we can conclude that the L2 literacy methods used in this resource room have a positive effect, as the literate deaf student uses writing to communicate both on social networks and at school.

**Keywords:** L2; Literacy; Education; Student; Deafness.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

LIBRAS	Língua Brasileira de Sinais
L2	Língua Portuguesa
AEE	Atendimento Educacional Especializado
EJA	Educação de Jovens e Adultos

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO 1: O PERCURSO HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO VOLTADA AO SURDO..	13
1.1 Educação dos surdos desde os primórdios até o século XIX .....	13
1.2 Contexto histórico dos surdos no Brasil.....	14
1.3 Oralismo.....	14
1.4 Comunicação Total.....	15
1.5 Bilinguismo.....	16
CAPÍTULO 2: O PROCESSO DE ENSINO DA L2 PARA SURDOS.....	19
2.1 Letramento.....	19
2.2 Letramento para surdos.....	20
2.3 A aquisição da segunda língua para crianças surdas.....	21
CAPÍTULO 3: O PROCESSO DE ENSINO DO PORTUGUÊS EM UMA SALA DE RECURSO.....	24
3.1 Pesquisa de Campo com a Professora da Sala de Recurso.....	24
3.2 Texto produzido pela Aluna Surda.....	29
3.2.1 Interlíngua.....	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	35
APÊNDICE.....	37

## INTRODUÇÃO

O presente estudo primou em delimitar o assunto no âmbito das necessidades especiais, restringindo na auditiva, mostrando o desafio constante na vida do profissional da educação em lidar com alunos que possuem esta deficiência na sala de recurso. O interesse desse trabalho surgiu a partir da disciplina obrigatória de Língua Brasileira de Sinais (Libras), da grade de ensino do curso de letras língua portuguesa na Universidade Federal de Sergipe (UFS), ministrada pela docente Daisy Mara Moreira de Oliveira. Então posso dizer que a escolha desse assunto advém do questionamento e preocupação de como acontece o letramento desse aluno com surdez e conjuntamente quais as metodologias do ensino de língua portuguesa são utilizadas como segunda língua para com esse aluno na sala de recurso.

O processo de letramento do surdo é mais complexo pois terá que ser um ensino especial, no qual depende do domínio de uma Língua de Sinais pelo professor como também pelo surdo. Quadros (2006), destaca que o ensino de Língua Portuguesa para surdos sempre foi baseado no processo de alfabetização de crianças ouvintes no qual os resultados foram vistos como um fracasso.

O objetivo geral dessa pesquisa tem o intuito de identificar os métodos de ensino da língua portuguesa na sala de recurso de uma escola no município de Itabaiana. Sobre os objetivos específicos foram eles: observar o percurso histórico da educação voltada ao surdo; identificar como se processa o ensino de L2 para surdos; Averiguar como se processa o ensino do português em uma sala de recurso.

A Libras atribui caráter mediador e de apoio na aprendizagem do português como uma segunda língua. Quadros (2006), sustenta que a ideia não é simplesmente uma transferência de conhecimento da primeira língua para a segunda língua, mas sim um processo paralelo de aquisição e aprendizagem em que cada língua apresenta seus papéis e valores sociais.

Diante disso, levantou-se a seguinte questão: O processo de letramento da L2 na sala de recurso funciona de forma significativa para o aluno surdo?

Com o fim de responder a esse questionamento, será realizado uma pesquisa em uma escola estadual no município de Itabaiana que possui sala de recurso. Nesse sentido, autores como Marconi (2003), Honora (2009), Goldfeld (2002), Soares (2004), Marcuschi (2007), Damázio (2007), Siluk (2014), Cesarin (2014) , Quadros e Schimiedt (2010) , Quadros e Schimiedt (2006) que na maioria de suas obras apresentam maneiras, formas do ensino de português para surdos, Moura (2000) , Lima (2004) manifesta em várias obras a história da

educação dos surdos, entre demais autores que apresentam a importância da libras e seus pontos importantes para aquisição da linguagem do surdo.

A história de vida do ser humano é construída com base na história da humanidade. O que aprendemos no passado cria condições de aprender hoje de forma diferente. Nesse sentido, o processo de aprendizagem do surdo é uma questão que demanda uma série de fatores: estrutural, social, psicológico.

Esta pesquisa trata-se de uma pesquisa de campo como bem define Marconi e Lakatos (2003, p.185):

Pesquisa de campo é aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos a cerca de um problema, para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese, que se queira comprovar, ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles.

Essa investigação é importante devido à carência de informações no âmbito do letramento de estudantes com surdez e a falta de compreensão e de curiosidade, no que diz respeito as práticas de ensino usadas pelos docentes na sala de recurso como bem coloca os autores Quadros e Schimiedt, (2006, p. 31): “ Falar sobre processos de interações comunicativas, sobre a língua de sinais e sobre a língua portuguesa escrita são formas de desenvolver a conscientização do valor das línguas e suas respectivas complexidades”. A necessidade de entender o processo de alfabetização de duas línguas defendidas pela educação bilíngue e de modalidades diferentes, no geral uma se dá de forma oral-auditiva e a outra gesto visual torna-se uma fonte de informação para os pesquisadores da área como também para os futuros professores que tenham acesso a esse conteúdo.

A metodologia de pesquisa partiu primeiramente com as observações na sala de recurso com o aluno com surdez. Nesse sentido, a intenção dessa observação foi conhecer mais de perto como o aluno surdo se desenvolve no seu processo de letramento. Além da observação, utilizamos como elemento de pesquisa um questionário com perguntas abertas como coloca Marconi e Lakatos (2003, p.204): “ Também chamadas livres ou não limitadas, são as que permitem ao informante responder livremente, usando linguagem própria, e emitir opiniões”. Sendo assim, permitindo que a professora desse ambiente responda livremente utilizando linguagem própria. Sendo assim, a partir das respostas e observação poderemos analisar como acontece a realidade do tema abordado.

É importante destacar que essa pesquisa tem o intuito de identificar os métodos de ensino da língua portuguesa na sala de recurso de uma escola no município de Itabaiana. Nesse viés, esse estudo está desenvolvido em três capítulos. No primeiro, observações do percurso histórico da educação voltada ao surdo. No segundo capítulo, identificar como se processa o ensino de L2 para surdos. No terceiro capítulo, averiguamos como se processa o ensino do português em uma sala de recurso numa escola estadual do município de Itabaiana-SE como processo fortalecedor do letramento do aluno.

## **CAPÍTULO 1: O PERCURSO HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO VOLTADA AO SURDO**

Este primeiro capítulo, tem como objetivo apresentar a história da educação das pessoas com surdez explanando todos os viés para compreensão de como foi o percurso dos surdos até hoje, bem como enfatizar as três filosofias apontadas na história a fim de entendermos qual a proposta de educação considerada eficaz para o letramento do sujeito surdo.

### **1.1 Educação dos surdos desde os primórdios até o século XIX**

Na antiguidade, pessoas que possuíam alguma necessidade especial, restringindo na auditiva na grande maioria dos casos não eram considerados humanos pois não tinham o sentido da audição e eram proibidos de ter uma vida normal perante a sociedade. Lima (2004, p.21) destaca que:

Até o século XV, o mundo não encarava o sujeito surdo como um ser capaz. Logo, a posição sujeito que cabia ao surdo era a de incapaz de se expressar oralmente, de se desenvolver intelectual e moralmente, também incapaz de expressar sentimentos ou qualquer pensamento. Portanto, dispunha de nenhum tipo de acesso à educação, acesso que só começou a existir a partir do século XVI.

Os primeiros educadores de pessoas surdas surgiram a partir do século XVI, cada um com ideias e práticas sendo que havia muito o que descobrir sobre a surdez e qual método era mais adequado para esses sujeitos. Ao longo do tempo, o empenho de alguns estudiosos cujo método de ensino era a língua de sinais e o ensino da escrita, a aprendizagem do surdo foi se tornando um desafio a ser vencido.

Alguns estudiosos apoiavam o método ligado a outras formas como a leitura labial na frente do espelho. Nesse sentido, não era em todos os alunos que esse método tornava-se eficaz, apenas em alguns com um nível menor de surdez. Assim, Honora (2009) observou que não era um bom método visto que, a escrita não era vista como uma inserção do indivíduo no convívio social.

## 1.2 Contexto histórico dos surdos no Brasil

A educação dos surdos no Brasil foi colocada em pauta no Segundo Império quando Dom Pedro II convidou o francês, Edward Harnest Huet, para ensinar pessoas com surdez. Dessa forma, ele trouxe metodologias e documentos de suma importância para educação no qual utilizava a língua francesa de sinais e o manual francês e como principal meio de ensino, resultando na criação da Língua Brasileira de Sinais. Outrossim, é importante salientar que no ano de 1857, o atual Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) foi criado no Rio de Janeiro (HONORA, 2009).

A educação de surdos no Brasil sofreu e, ainda, vem passando por vários conflitos. Assim, para entender o processo de educação do surdo nos asseguramos na Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002 (BRASIL,2002) , conhecida como Lei da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e o decreto nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005 (BRASIL, 2005) , que deixa nítido que as instituições de ensino devem adequar-se às necessidades de todos os estudantes surdos (HONORA, 2009).

Hoje no Brasil a educação da pessoa com surdez é voltada ao bilinguismo. Dessa forma, a Língua Brasileira de Sinais é considerada a língua natural do surdo brasileiro no qual seus membros são capazes de se expressar. Diante deste contexto histórico podemos perceber que surgiram métodos de ensino com o propósito de promover as pessoas com surdez um ensino adequado para sua aprendizagem sendo as três filosofias educacionais: Oralismo, Comunicação Total e Bilinguismo.

## 1.3 Oralismo

O oralismo por muito tempo foi a principal forma de educação para os surdos. Dessa maneira, inúmeros estudiosos naquele tempo defendiam o oralismo no qual achavam ser a melhor forma da pessoa com surdez se desenvolver como também esses mesmos estudiosos tinham a visão que a melhor maneira era educá-los através da aprendizagem da língua oral, meio esse que não teve um resultado positivo.

Horona (2009, p. 26) destaca como foi a situação da pessoa surda neste período:

Não era respeitada a dificuldade de alguns surdos por causa de sua perda de audição severa e profunda. As pessoas somente estavam interessadas em fazer com que o

Surdo fosse “normatizado” e que desenvolvesse a fala para que assim ninguém precisasse mudar ou sair da situação confortável.

Outrossim, pode concluir diante do trecho da autora que os surdos sofriam preconceitos devido as suas limitações e justamente por não atender o interesse da sociedade. Assim, esse método tinha como principal que através da educação oral os surdos desenvolveriam uma comunicação e aprendizado com o receptor.

A imposição desse método de ensino deixou marcas no processo de formação social e educacional causando, na maioria das vezes, sentimento de trauma, incapacidade e frustração. Nesse sentido, Goldfeld (2002, p. 38) considera que:

Ao colocar o aprendizado da língua oral como objetivo principal na educação dos surdos, muitos outros aspectos importantes para o desenvolvimento infantil são deixados de lado. Apenas profissionais que igualam o conceito de língua oral com o conceito de linguagem podem acreditar que os anos em que a criança surda sofre atraso de linguagem e bloqueio de comunicação.

É importante pontuar que os resultados gerados das práticas oralistas no ensino de pessoas com surdez evidenciam, portanto, a necessidade de caminhar em direção contrária à perspectiva da reabilitação oral, pois a visão do surdo defendida por essa filosofia, impede de enxergá-lo como um ser capaz de se desenvolver em sua própria língua, desde que, obviamente, sejam oferecidos os recursos adequados como também consideradas e atendidas as suas necessidades.

#### **1.4 Comunicação Total**

A comunicação total teve o intuito de inserir a pessoa surda na sociedade ouvinte, no qual não foi considerada como um método mais como uma filosofia conjuntamente com outros métodos para o auxílio na educação do ser humano surdo seja em qualquer âmbito. Diante disso, essa filosofia foi considerada o segundo método na educação das pessoas com surdez.

A comunicação total passou a sofrer modificações que discordava dos métodos de origem. Dessa forma, esse método ganhou um novo termo classificado como comunicação bimodal, que tinha como finalidade o uso da linguagem oral em parceria com a língua de

sinais sendo que foi o ponto para os questionamentos sobre o ensino do surdo e se realmente esse método ajudaria no desenvolvimento (MOURA,2000).

É importante salientar que o surdo possui dificuldades em aprender significados quando ouvintes se comunicam com ele por meio do bimodalismo, uso simultâneo dos sinais e da fala. Essa combinação prejudica a pessoa com essa deficiência de distinguir a estrutura sintática da língua oral e a de sinais. Assim, por esse motivo o aprendizado da leitura e da escrita fica fragilizado no qual os surdos não vão saber ler nem textos curtos e simples entre demais motivos. (MOURA,2000).

Outrossim, observa-se que mesmo com a utilização da língua de sinais esse método continuo com dificuldades de aprendizagem na leitura e escrita. Nesse sentido, conclui-se que a língua de sinais ao ser utilizada nas práticas da comunicação total sua característica linguística não tem sido respeitada sendo usadas como um subsidio na aprendizagem e não como elemento para o acontecimento da aprendizagem.

Vemos que aconteceu um avanço no desenvolvimento linguístico comparando com o oralismo sendo que mesmo conseguindo manter relação surdo e ouvinte, a pessoa com surdez tinha que focalizar na língua oral e nos movimentos causando uma sobrecarga e uma não demonstração de sentimentos e ideias.

## **1.5 Bilinguismo**

O multiculturalismo trouxe expectativa para os direitos do uso da língua e espaço na sociedade. Nesse sentido, as diferenças culturais contribuiriam no destaque da pessoa surda como um sujeito com valores, atitudes e estilos diferentes. Diante disso, Moura (2000, p. 64). destaca:

Até o momento eles não tinham conseguido ser ouvidos e, na verdade, muitos foram calados por uma educação que não lhes permitia o acesso à cultura e ao conhecimento em geral. Mas a cultura e a língua dos surdos continuaram viva, e eles passaram a reivindicar os seus direitos como sujeitos, e entre estes direitos o de que sua língua fosse utilizada na educação dos surdos.

A Suécia teve destaque como o primeiro país a reconhecer a língua de sinais como língua como também implantar esse método no ensino do ser humano com surdez, bem como

peessoas com essa deficiência precisariam ser fluentes tanto na língua de sinais como na língua pertencente a elas (MOURA, 2000).

Sendo o primeiro país a reconhecer a língua, a Suécia, serviu de amostra para outros países que mesmo estudando muito antes as possibilidades do bilinguismo, não teve início as práticas. Nesse sentido, a educação bilíngue do surdo possui âmbitos além das questões linguísticas. Assim, Quadros (2010, p. 35) destaca:

Assim, a educação de surdos na perspectiva bilíngue toma uma forma que transcende as questões puramente linguísticas. Para além da língua de sinais e do português, esta educação situa-se no contexto de garantia de acesso e permanência na escola. Essa escola está sendo definida pelos próprios movimentos surdos: marca fundamental da consolidação de uma educação de surdos em um país que se entende equivocadamente monolíngue. O confronto se faz necessário para que se constitua uma educação verdadeira: multilíngue e multicultural. Assim, no Brasil, o “bi” do bilinguismo apresenta outras dimensões.

O Brasil é um dos países que na maioria das situações não é considerado bilíngue, logo é compreendido que o cenário do bilinguismo no país não seja tão favorável como em outros países que são. Assim, Moura (2000) destaca que a educação no Brasil continua ligada aos aspectos antigos de outros países, o que deixa de lado todos os princípios adquiridos pela comunidade surda, dificultando o desenvolvimento dos surdos.

Em terras brasileiras, encontram-se escolas que trabalham como primeira a língua de sinais e o português como segunda língua. Tanto o decreto 5.626/05 (BRASIL, 2005) como a lei 10.436/2002 (BRASIL, 2002), o ensino de libras nos cursos superiores já está acontecendo, no qual a disciplina está sendo oferecida em cursos de bacharelado e licenciatura. Nesse viés, nota-se um exemplo bastante satisfatório da Libras que deixa de ser restringida aos surdos e membros que contribuem de certa forma para o seu ensino e passa a ser conhecida por muitas pessoas. Esta ação da lei foi justamente para capacitar os professores para uma melhor prática pedagógica.

O interesse dos profissionais e a busca de formas de melhoria para a educação das pessoas com surdez ficou sem fim. Dessa maneira, através de mudanças e melhorias na educação do surdo foi criada leis que asseguram os direitos das pessoas que possuem essa deficiência na sociedade ouvinte.

A Lei nº 10.436 de 2002 consiste em uma das mais importantes para as pessoas com surdez em relação a Libras. Sendo assim, Quadros (2006, p.17) destaca:

A Lei nº 10.436 de 2002 reconhece o estatuto linguístico da língua de sinais e, ao mesmo tempo, assinala que esta não pode substituir o português. A recomendação atual do MEC/SEESP é de que, em função da língua portuguesa ser, pela Constituição Federal, a língua oficial do Brasil, portanto língua cartorial em que se registram os compromissos, os bens, a identificação das pessoas e o próprio ensino.

O ensino da língua portuguesa para o surdo é importante para o exercício de cidadão brasileiro. Diante disso, o decreto 5.626/05, foi oficializado em 25 de dezembro de 2005 (BRASIL,2005), com o propósito de regulamentar a Lei nº 10.436/02 e colocar o ensino de libras no Brasil. Assim, Quadros (2006) ressalta que a educação de surdos no Brasil deve ser bilíngue, ou seja, todo o conhecimento deve ocorrer na língua de sinais e o português só na modalidade escrita.

Além de consolidar a libras como língua oficial da pessoa surda, no Decreto consta o ensino da língua portuguesa como segunda língua obrigatório. Bem como, aparece nesse Decreto quais os profissionais que devem participar do processo de ensino-aprendizagem do surdo, tendo como formação necessária em nível superior.

O surgimento das leis auxiliavam no desenvolvimento do surdo como cidadão. Dessa forma, podemos destacar a Lei nº 12.3190 de 2010, que regulariza e dá importância ao tradutor e intérprete de Libras como também a Lei nº 4.309 de 2004 defende a entrada de alunos surdos na universidade pública. Assim, essas leis ajudaram de uma certa forma no desenvolvimento e assegura ao sujeito surdo a conquista de um espaço socialmente.

A existência da língua de sinais mostra que o cérebro humano possui um potencial que nunca teríamos imaginado. Assim, observa-se que até aqui em termos de história da educação do surdo tivemos estas três filosofias mencionadas, no qual o bilinguismo perdura desde a década de 1970 até os nossos dias por ser relevantemente considerada a melhor metodologia de ensino.

## **CAPÍTULO 2: O PROCESSO DE ENSINO DA L2 PARA SURDOS**

Nesse capítulo será realizada uma abordagem a fim de conhecer o funcionamento do ensino da segunda língua para os surdos, com o objetivo de compreender se a metodologia utilizada através do bilinguismo favorece o letramento do sujeito surdo. Para isto partiremos da descrição do que seja letramento para em seguida abordar como se dá o letramento na educação bilíngue para o sujeito surdo.

### **2.1 Letramento**

O autor Soares (2004) destaca que o letramento é um conceito recente, introduzido na linguagem da educação e das ciências linguísticas há pouco mais de duas décadas. Dessa forma, sua criação teve decorrência da necessidade de configurar comportamentos e práticas sociais no âmbito da leitura e da escrita, que ultrapassem o domínio do sistema alfabético e ortográfico e também o nível de aprendizagem da língua escrita

As pesquisas sobre o letramento se alargaram com o passar do tempo, levando em conta a relação do mesmo, nas práticas culturais e sociais dos grupos que utilizavam esse processo. Dessa maneira, o letramento não absolutamente, significa que a pessoa precisa saber ler ou escrever para ser uma pessoa considerada letrada. Diante disso, Marcuschi (2007, p.25) ressalta que:

O letramento, por sua vez, envolve as mais diversas práticas da escrita (nas suas variadas formas) na sociedade e pode ir desde uma apropriação mínima da escrita, tal como o indivíduo que é analfabeto, mas letrado na medida em que identifica o valor do dinheiro, identifica o ônibus que deve tomar, consegue fazer cálculos complexos, sabe distinguir as mercadorias pelas marcas etc., mas não escreve cartas nem lê jornal regulamente, até uma apropriação profunda, como no caso do indivíduo que desenvolve tratados de filosofia e matemática ou escreve romance.

Portanto, podemos cogitar que quem é alfabetizado sabe ler e escrever, mas quem é letrado não apenas sabe ler e escrever. Nesse sentido, Marcuschi (2007), afirma que o letramento consiste em uma prática discursiva de um grupo social específico e se relaciona ao papel de escrita para torna-se significativa essa interação oral, sem envolver necessariamente outras condutas como ler e escrever.

Diante do momento que a criança tem o contato com o adulto, e em determinado contexto consegue associar o que lhe foi passado pelo adulto naquele contexto, ela passa a exercer prática discursiva letrada, mesmo não possuindo a leitura e escrita. Sendo assim, o letramento e alfabetização podem se apresentar segundo o autor Maruschi (2007, p.21) da seguinte forma:

[...] O letramento é um processo de aprendizagem social e histórica da leitura e da escrita em contexto informais e para usos utilitários, por isso é um conjunto de práticas. A alfabetização pode dar-se, como de fato se deu historicamente, à margem da instituição escolar, mas é sempre um aprendizado mediante ensino, e compreende o domínio ativo e sistêmico das habilidades de ler e escrever.

Outrossim, observa-se que o letramento ganha espaço. Sendo assim, nas escolas possui utilização no âmbito da inserção do ser no mundo escolar sobre os parâmetros e competências individuais como também nas famílias e igrejas as práticas de letramento são trabalhadas de forma distintas em situações do cotidiano de cada indivíduo para desenvolver o letramento.

## **2.2 Letramento para surdos**

O letramento consiste nas práticas sociais relacionadas no âmbito da leitura e escrita. Nesse sentido, a criança com surdez ao ser encaixada no mundo do letramento precisa ter práticas na comunicação. Dessa forma, o primeiro contato da criança surda com o letramento, acontece em sala, com o ensino da escrita por meio do português falado. Assim, é importante para o professor utilizar métodos que sejam reconhecidos pelos alunos, isso facilita na aprendizagem do mesmo.

A comunicação direta com a diversidade de textos nas salas e a interação social presente no ambiente escolar, ajuda no reconhecimento de determinados textos e desenvolvimento do sujeito. Diante disso, o letramento para crianças surdas deve ser feito por meio da língua de sinais, ficando assim a língua portuguesa como segunda língua e só modalidade escrita como determina o decreto nº 5.626/2005 (QUADROS, 2006).

O fato do professor utilizar métodos que sejam reconhecidos pelos alunos torna-se de suma importância facilitando assim na compreensão e interação. Diante disso, o autor

Quadro (2006, p.30) afirma a importância que o professor seja bilíngue afim de proporcionar ao aluno com surdez uma melhor aprendizagem :

Pensando no contexto das crianças surdas, os professores devem ser especialistas na língua de sinais, além, é claro, de terem habilidades de explorar a capacidade das crianças em relatar suas experiências. Esse é um dos meios mais efetivos para o desenvolvimento da consciência sobre a língua.

O desenvolvimento da criança depende do processo de aprendizagem e conhecimento da sua própria língua. Dessa maneira, o primeiro contato com a língua de sinais com intuito de conhecimento dessa língua favorece o aprendizado da língua portuguesa-L2. Nesse sentido, a utilização de meios na língua de sinais trará um conhecimento cognitivo e linguístico para o entendimento da L2. Assim, observa-se a importância da utilização de métodos e professores capacitados para o ensino do aluno surdo, além de uma escola capacitada e preparada para receber e auxiliar da melhor forma o ensino do mesmo. Vale destacar que Cesarin (2014) ressalta que a leitura e a escrita estão diretamente relacionadas com o mundo circundante.

### **2.3 A aquisição da segunda língua para crianças surdas**

O ensino de L2 para os surdos consiste em um direito garantido pelo Decreto Federal no 5.626, de 22 de dezembro de 2005, que estabeleceu a obrigatoriedade das escolas disponibilizarem aos alunos surdos uma educação bilíngue sendo a L1 denominada como Libras e a L2 como língua portuguesa. Diante disso, Quadros (2006, p.17) afirma que:

“Lei nº 10.436/02 reconhece a língua de sinais como língua utilizada pela comunidade surda, mas que não pode ser substituída pela língua portuguesa, já que esta é a língua oficial do Brasil. Sendo assim é obrigatória para o uso das relações sociais, culturais, econômicas, jurídicas e nas instituições de ensino. Dessa forma, o decreto nº 5626 de 2005 afirma que a educação do surdo no Brasil deve ser bilíngue, garantindo o acesso à educação por meio da língua de sinais e o ensino da Língua portuguesa escrita como segunda língua” .

A pessoa com surdez sente dificuldade na aquisição do português na modalidade escrita, no qual apresenta uma estrutura linguística diferente da Libras. Nesse sentido, Quadros (2006) a aquisição da língua portuguesa pelo surdo, depende da sua representação, através da funcionalidade, relacionada ao acesso às informações por meio da escrita.

A pessoa com surdez no seu cotidiano sempre se depara com textos variados que precisam ser lidos e compreendidos. Segundo, Cesarin (2014) as dificuldades encontrado vão desde a educação infantil as últimas séries do ensino médio. Desse modo, fica claro que, o português é imprescindível para que os surdos estejam inseridos na sociedade, o conhecimento e o domínio dessa língua na modalidade escrita levam esses alunos a uma melhor interação com outros indivíduos inseridos no seu meio social.

O Atendimento Educacional Especializado também contribui para pratica do docente. Diante disso, Cesarin (2014) salienta que o papel do professor como aquele que promove as estratégias sociais, linguísticas e cognitivas, em um contexto educativo, fornecendo subsídios para a construção dos conhecimentos que serão adquiridos.

A formação dos professores devem ter como prioridade tanto o conhecimento da língua portuguesa, quanto da Língua Brasileira de Sinais para que os alunos com deficiência auditiva tenham instrução suficiente para aprender a segunda língua. O Decreto nº 5626 de 22 de dezembro de 2005 que regulamenta a Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002 (BRASIL, 2005)., em seu Art 5º, a respeito da formação do professor afirma que:

A formação de docente para o ensino de Libras na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental deve ser realizada em curso de pedagogia ou curso normal superior, em que Libras e Língua Portuguesa escrita tenham constituído línguas de instrução, viabilizando a formação bilíngue.

É de grande importância a preparação desses profissionais, garantindo aos surdos o direito a educação e a inclusão no seu meio social. Vale ressaltar que as escolas públicas e privadas devem se adaptar a uma educação especial, implementando recursos didáticos e meios eletrônicos que abarquem as particularidades linguísticas desses alunos.

O ensino de língua portuguesa para alunos surdos, em um âmbito de escola inclusiva, deve acontecer em duas situações: na sala de ensino regular e outro na sala de recursos multifuncionais. Nesse âmbito, Siluk (2014, p.39) afirma que o Atendimento Educacional Especializado-AEE é uma proposta que faz parte da educação inclusiva e que traz benefícios únicos para o desenvolvimento da educação:

O Atendimento Educacional Especializado é instituído como um serviço que opera na oferta de recursos de acessibilidade que visam à participação e a aprendizagem dos alunos público alvo da Educação Especial no ensino comum. O professor do AEE trabalha com o intuito de eliminar barreiras de aprendizagem e assegurar as condições para a continuidade nos estudos desses alunos.

Assim, observamos que os surdos devem desenvolver-se bem na língua de sinais para que possam compreender a modalidade escrita do português. Bem como as instituições de ensino, de um modo geral, deve ser capaz de incentivar a comunidade escolar e aos familiares o interesse na aprendizagem tanto de um surdo com a língua portuguesa quanto um ouvinte com a língua de sinais. Dessa forma, no próximo capítulo será abordado, o funcionamento desse ensino numa sala de recurso de uma escola estadual situada na cidade de Itabaiana.

### **CAPÍTULO 3: O PROCESSO DE ENSINO DO PORTUGUÊS EM SALA DE RECURSO**

Nesse capítulo trataremos da pesquisa realizada em campo. Buscaremos averiguar através do questionário feito com a professora da sala de Atendimento Especializado (Sala de Recurso), quais os métodos de letramento da língua portuguesa utilizados na sala de recurso com alunos surdos como também analisaremos um texto produzido pela aluna surda atendida neste ambiente, a fim de constatar se a metodologia utilizada teve proporcionado o letramento do sujeito surdo. A pesquisa se deu numa escola estadual do município de Itabaiana- SE, especificamente na sala de recurso a fim de perceber como acontece o letramento do aluno. Dessa maneira, através dessa pesquisa foi possível identificar como são utilizados os métodos de letramento da L2 para os alunos com surdez na sala de recurso.

#### **3.1 Pesquisa de campo com a professora da sala de recurso**

Foi aplicado um questionário com perguntas abertas que permitiu que a professora respondesse livremente utilizando linguagem própria com a intenção de buscar dados que auxiliassem em nosso objetivo geral, o qual foi o de perceber como se processa a realidade do tema retratado. Nesse sentido, a análise do questionário foi dividido com o intuito de verificar a metodologia de ensino da língua portuguesa nessa sala de atendimento especializado, sem necessariamente seguir a ordem cronológica das perguntas, mas em blocos por temas como:

##### **3.1.1 Formação do educador em sala de recurso.**

Pergunta 1
Pergunta: Qual a sua especialização?
Resposta: <b>Sou formada em letras/Português e tenho especialização em Atendimento especializado e Educação Inclusiva</b>
Pergunta 2
Pergunta: Quanto tempo de atuação na educação com alunos surdos?
Resposta: <b>17 anos.</b>

Tabela 1: Questionário com a professora da sala de recurso.  
Fonte: Autoria própria, 2024

Através da resposta da questão 1 e 2 , pode-se afirmar que a professora é formado em letras/Português possui especialização na área de Atendimento Especializado e Educação Inclusiva . Nesse âmbito, Siluk (2014) resalta que o professor deve apresentar formação inicial em cursos de licenciatura como também a necessidade de formação continuada a partir de cursos de especialização e aperfeiçoamento na área da Educação Especial. Com isso, o preparo do professor de sala de recurso deve ser abrangente, integrando conhecimentos teóricos e práticos para garantir um suporte educacional de qualidade. Assim, observou-se que a escola está dentro dos padrões e a professora experiente e preparada para atuar como profissional bilíngue como prevê a Lei de Libras, Lei nº 10.436/2002.

### 3.1.2 Do atendimento

Pergunta 3
Pergunta: Qual a faixa-etária dos alunos atendidos na sala de recursos?
Resposta: <b>Um aluno com 22 anos.</b> <b>Uma aluna com 36 anos</b>
Pergunta 8
Pergunta: Como funciona a organização do tempo destinado ao aluno na sala de recurso?
Resposta: <b>Eles são atendidos 2 vezes por semana, 2 horários pela tarde de atendimento.</b>
Pergunta 13
Pergunta: Em sua opinião, existe algo que pode ser melhorado na realização do atendimento dos deficientes auditivos?
Resposta: <b>No meu caso não, pois tenho a formação adequada para trabalhar com eles.</b>

Tabela 2: Questionário com a professora da sala de recurso.  
Fonte: Autoria própria, 2024

A faixa etária dos alunos surdos corresponde entre os 22 e 36 anos, o atendimento acontece duas vezes por semana. Vale salientar, que a frequência e a duração do atendimento pode variar de acordo com as necessidades específicas do aluno sendo baseados as decisões na necessidade individual do aluno. Nesse sentido, através de um diálogo com a professora da sala de recurso ficou esclarecido que uma aluna foi matriculada no 9º ano do ensino fundamental regular com 36 anos por conta da recomendação medica e dificuldades

familiares no deslocamento noturno no qual diante da análise da situação a escola mesmo tendo ciência de ser inadequado a matrícula acabou aceitando-a no ensino regular e não na educação de jovens e adultos-EJA. Bem como, notou-se também diante das respostas da professora no questionário que o grau de deficiência e o nível de escolaridade são observados como também na opinião da professora o atendimento de perfeita qualidade. Assim, Damázio (2007) sustenta que todos os professores selecionam e elaboram os recursos didáticos para o Atendimento Educacional Especializado em Libras e em Língua Portuguesa, respeitando as diferenças entre os alunos com surdez e os momentos pedagógicos em que serão utilizados.

### 3.1.3. Metodologia da professora de sala de recurso

Pergunta 4
Pergunta: Qual a metodologia utilizada na sala de recurso?
Resposta: <b>Sempre trabalho utilizando imagens, jogos educativos, vídeos em libras entre demais métodos</b>
Pergunta 5
Pergunta: Como a língua portuguesa é ensinada na sala de recurso?
Resposta: : <b>Como segunda língua e por meio da língua materna do aluno a libras.</b>
Pergunta 7
Pergunta: Quais são as suas maiores dificuldades na organização do conteúdo e atendimento do aluno com surdez?
Resposta: <b>Minha maior dificuldade é despertar o interesse do aluno, como também manter a relação com os conteúdos do ensino regular.</b>

Tabela 3: Questionário com a professora da sala de recurso.

Fonte: Autoria própria, 2024

A professora desenvolve na sala de recursos todas as suas aulas em libras, sendo o português ensinado como segunda língua condizendo com o decreto n ° 5.626/2005. Referente a metodologia, a professora utiliza na maioria dos casos imagens, jogos educativos, vídeos para chamar atenção do aluno surdo como também procurando sempre métodos que auxiliem no desenvolvimento e acessibilidade do mesmo. Assim, nota-se que o ensino na sala de recursos apesar de não estabelecer todos os recursos necessário acontece.

A dificuldade na organização e atendimento na educação dos surdos é perceptível na resposta da questão 7, primeiro em relação a barreira da troca de informações dos conteúdos

de ensino regular por parte do professor como também o despertar do interesse com esse aluno. Assim, Damázio (2007, p.21) ressalta que

As práticas pedagógicas constituem o maior problema na escolarização das pessoas com surdez. Torna-se urgente, repensar essas práticas para que os alunos com surdez, não acreditem que suas dificuldades para o domínio da leitura e da escrita são advindas dos limites que a surdez lhes impõe, mas principalmente pelas metodologias adotadas para ensiná-los.

Nesse sentido, esses profissionais devem se disponibilizar no interesse em adequar-se à realidade da sala de aula e oferecer ao surdo similar aprendizagem ao do ouvinte, tratando a língua portuguesa como uma ferramenta de comunicação do surdo com o mundo a sua volta e uma segunda língua.

#### 3.1.4. O letramento em sala de recurso

Pergunta 6
Pergunta: Como você observa a evolução da escrita e aprendizagem em língua portuguesa dos alunos com deficiência auditiva?
Resposta: <b>A evolução é bem lenta, principalmente quando o aluno não tem interesse em aprender. O incentivo precisa ser constante. Já o que se interessam a evolução é mais rápida e prazerosa.</b>
Pergunta 11
Pergunta: Qual é o nível da aprendizagem da língua materna dos alunos com surdez?
Resposta: <b>Um sabe muito pouco a libras, pois além da surdez possui síndrome de Down e já chegou para estudar com quase 19 anos. A outra tem uma boa fluência.</b>

Tabela 4: Questionário com a professora da sala de recurso.  
Fonte: Autoria própria, 2024

Observa-se que a professora destacou em sua resposta na questão que ressalta sobre a evolução da escrita e aprendizagem a falta de interesse como a principal dificuldade. Nesse âmbito, vale questionar que essa evolução pode ser influenciada também por diversos fatores como os desafios sociais e emocionais, barreiras de comunicação, apoio familiar entre demais.

A situação de alunos com surdez matriculados no ensino regular pode depender de inúmeros fatores como a experiência de aprendizado anteriormente, as necessidades

individuais. Dessa forma, Cesarin (2014) ressalta que não é importante, apenas, o que se aprende num contexto de leitura e escrita, mas como usamos esses conhecimentos em nossas práticas sociais, em nosso contexto, em nossas vidas. Considerando que o que nos rodeia é um mundo todo escrito, não lê-lo é também não conhecê-lo, não revela-lo. Com isso, a evolução e aprendizagem vai depender de cada situação.

### 3.1.5. Professor de sala de recurso x professor de sala regular de ensino

Pergunta 9
Pergunta: O professor de sala de aula sempre lhe dar uma devolutiva sobre as dificuldades e desenvolvimento do aluno?
Resposta: <b>Nem sempre, a maioria das vezes eu procuro saber.</b>
Pergunta 10
Pergunta: Os conteúdos abordados na sala de recursos são relacionados com os trabalhados na sala regular?
Resposta: <b>Sempre procuro relacionar com os conteúdos do ensino regular, mas às vezes torna-se complicado, mas tento.</b>

Tabela 5: questionário com a professora da sala de recurso.  
Fonte: Autoria própria, 2024

Nota-se que os conteúdos do ensino regular e da sala de recurso precisam estar alinhados para proporcionar uma educação de qualidade. Na sala de recurso, o professor pode adaptar estratégias de leitura e escrita para atender os alunos por meio de recursos visuais, material adaptado e métodos diferenciados.

É possível perceber que não existe uma comunicação entre o professor da sala de aula do ensino regular com a professora da sala de recursos. Nesse âmbito, Siluk (2014) relata que o professor da sala de aula deve manter contato com o professor da sala de recurso, no intuito de relatar todas as dificuldades apresentada pelo aluno em sala, para que em conjunto eles consigam definir e desenvolver métodos que auxiliem nas dificuldades apresentadas. Dessa forma, observa-se o quanto é preocupante para o desenvolvimento em conjunto do aluno.

### 3.1.6. Opinião da professora sobre a sala de recurso

Pergunta 12
Pergunta: Você considera que a sala de recurso um local que desenvolve de forma significativa a aprendizagem social e pessoal do aluno surdo? Justifique.
Resposta: <b>Sim. Procuo trabalhar com meus alunos de modo significativo tanto o conteúdo do ensino regular que eles tem dificuldade, como a aprendizagem social e pessoal.</b>

Tabela 6: questionário com a professora da sala de recurso.

Fonte: Autoria própria, 2024

Nota-se que o ensino na sala de recursos apesar de não estabelecer todos os recursos necessário, acontece. Com isso, percebe-se que a professora considera a sala de recurso como um ambiente que desenvolve de forma positiva a aprendizagem em todos os sentidos.

### 3.2 Texto produzido pela Aluna Surda

Para a obtenção da coleta de dados desse trabalho foram estabelecidos data e horário, previamente determinados pela professora da sala de recurso. Diante disso, essa sala de Atendimento Educacional Especializado possui dois alunos com surdez sendo atendidos. Assim, a participante dessa pesquisa foi uma aluna que tinha boa fluência mais tinha parado de estudar para trabalhar, sendo que depois de contratempos da vida deixou de trabalhar voltando a estudar sobre recomendação médica com 36 anos no ensino fundamental regular já que por questões familiares não tinha como frequentar a turma de jovens e adultos no período noturno que era mais adequada para sua idade. Já o outro aluno atendido com surdez possui síndrome de Down como também chegou para estudar com quase 19 anos, e no caso deste aluno não foi colhido produção escrita visto que tem múltiplas necessidades que comprometeram seu desenvolvimento cognitivo.

EU SILENCIO SEMPRE  
MATURIDADE CERTO EDUCADO  
AUTOESTIMA PAZ CONSCIE-  
NCIA BEM VIDA REFLEXAO  
IMPORTANTE PRA LEGAL  
CORACAO BOM SENTIR

EU JA CAMINHA  
CEREBRO SAUDE  
TRAMQUILO

Podemos inferir pelo texto escrito que a autora queria expressar que ela fica em silêncio, por ter maturidade, educação e autoestima. Sentimento que trazem paz a consciência, reflexão na vida. Isto é importante para um coração bom, ou seja, estar bem, sentir-se bem.

Ao analisar as frases da aluna surda, é possível observar que, embora as frases sejam curtas, a autora conseguiu demonstrar ações que ela fez ou vai fazer, pensamentos no decorrer do dia através da escrita. Vale ressaltar, que em uma conversa informal com a professora da sala de recurso foi pontuado que essa aluna também utiliza as redes sociais para postar frases do seus pensamentos com ajuda de familiares, no qual nota-se que mesmo como os desafios a tentativa de se situarem na sociedade está presente.

Nesse sentido, a ausência da flexão verbal é um dos fatos que se destaca na escrita dessas frases, causa da influência da língua de sinais sobre a língua portuguesa. Em sequência, na primeira frase (linha 1) a aluna escreve “silencio”, na linha 3 escreve “consciencia” como também na segunda frase (linha 2) escreve “saude” entre outras palavras presentes no decorrer das duas frases escritas. Diante disso, na acentuação observa-se dificuldade significativa por parte da aluna surda, no qual não sabe usar os acentos e com que objetivo. Na primeira frase (linha 6) a aluna escreve “pra”, nota-se a presença de erro de grafia. Outra questão presente nas frases é a falta de coerência, no qual essa aluna não está fluente em várias questões que envolve a língua portuguesa.

A metodologia bilíngue é a oportunidade do aluno com surdez ter acesso aos conteúdos, tanto por meio da Libras como por meio da língua portuguesa. Assim, Quadros (2006, p. 35) ressalta que educação de surdos numa perspectiva bilíngue toma uma forma que transcende as questões puramente linguísticas.

Outrossim, verifica-se que diante dos desafios em relação a língua portuguesa, o surdo é capaz de expressar suas ideias, opiniões e desejos por meio da escrita. Com isso, há todo um processo que precisa ser realizado anteriormente. Portanto, os resultados mostraram que todas as frases são semelhantes, pois apresentam, por exemplo, frases curtas, ausência de elementos gramaticais da língua portuguesa entre demais detalhes presentes.

Para analisarmos a produção escrita da aluna é necessário que recorramos ao conceito de interlíngua a fim de entendermos se esta aluna pode ser considerada letrada através do ensino bilíngue desenvolvido em sala de recurso como veremos a seguir.

### **3.2.1 Interlíngua**

Quadros (2006) enfatiza o que vem a ser a interlíngua, especificamente, em Libras. Diante disso, em relação a interlíngua a segunda língua passa por muitos estágios, ou seja,

no processo de aquisição do português. É importante pontuar que o autor destaca os estágios de interlíngua que são interlíngua I, interlíngua II e interlíngua III.

No estágio I, nota-se a busca para mostrar a questão das estratégias do caminho da libras para a escrita da língua portuguesa dessas pessoas. Bem como, qualificando pelo uso raro de verbos de ligação sendo muitas das vezes, usado de forma incorreta, ausência de flexão em relação ao gênero, número e grau entre demais características (QUADROS, 2006).

No estágio II mostra que na escrita de alguns alunos destaca-se uma mesclagem das duas línguas, logo que o uso de estruturas linguísticas da língua de sinais brasileira e a utilização indiscriminado de elementos da língua portuguesa tornou-se a busca de se apropriar da sua língua alvo, destacando-se o emprego de verbos no infinitivo e também flexionados, como também a não presença do uso de preposições entre outros (IBDEM).

No estágio III, os alunos perante a escrita demonstram o uso predominante da gramática da língua portuguesa em todos os níveis, principalmente, no sintático. Nesse nível destaca-se um acréscimo maior de frases com características de flexão de nomes e verbos, emprego de verbos de ligação. (IBDEM).

Conforme os estágios da interlíngua percebe-se que a aula com surdez se destaca na interlíngua II com a presença de verbos como “sentir”. Diante disso, apesar de pequenas dificuldades ortográficas e da carência de vocabulário ocorre compreensão no texto bem como pode considerar a aula surda uma pessoa letrada pois faz uso da escrita para comunicação tanto nas redes sociais quanto na escola empriionando seus sentimentos, projetos entre demais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na pesquisa podemos observar através do histórico da educação para os sujeitos surdos que, desde os primórdios vinham buscando métodos de ensino para aprimorar a educação ofertada. Surgiram nesse decurso filosofias como o oralismo, comunicação total e o bilinguismo. Destas três a que perdura é o bilinguismo, filosofia presente atualmente como a melhor metodologia a ser utilizada para o sujeito surdo. O direito ao bilinguismo na educação dos surdos é uma das conquistas dessa classe de pessoas. Portanto, diante de toda a pesquisa efetuada, é evidente a necessidade de um aprofundamento na qualidade de ensino para o surdo. Diante disso, observa-se a presença de um ensino bilíngue na sala de recurso, mas acontece ainda a necessidade de melhorias no atendimento e logística geral de funcionamento dessa sala de atendimento.

No segundo capítulo, foi destacado sobre o que é letramento e como esse letramento acontece no processo de ensino da L2 para surdos no qual essa prática tem a intenção de um avanço no desenvolvimento da comunicação entre ouvintes e deficientes auditivos.

Já no terceiro capítulo, a pesquisa de campo, verificamos os métodos de letramento da L2 utilizados na sala de recurso com alunos surdos. Diante disso, notou-se que a professora era experiente e preparada para atuar como profissional bilíngue já a aluna apresentou uma situação atípica, pois foi matriculada no 9º ano do ensino fundamental regular com 36 anos por conta da recomendação médica e dificuldades familiares.

Contudo, observamos que através das respostas obtidas por meio do questionário respondido pela professora que o ensino aprendizagem nessa sala de recurso é desenvolvido através de métodos variados como jogos educativos, imagens, vídeos entre demais, portanto atendendo ao que é proposto para uma educação especial de qualidade. Assim, vale salientar a importância da pessoa com surdez ser inserida no ensino regular logo cedo, bem como o uso da libras no seu processo de letramento é um detalhe essencial.

Diante dessas situações postas, averiguamos que existe a necessidade de assistência de orientações para as famílias que possuem pessoas com surdez, bem como ações educativas na escola para conscientização do quanto o ensino bilíngue é importante para o desenvolvimento e inclusão da pessoa com deficiência auditiva na sociedade. Nesse sentido, no âmbito da educação de qualidade a necessidade de investimento por parte da escola para que o ambiente da sala de recurso seja totalmente favorável, a parceria entre professor de sala de recurso e sala regular precisa sempre ser positiva como também reuniões frequentes com os pais desses alunos atendidos na sala de Atendimento Educacional Especializado para orientações afim de

que os mesmos trabalhem em conjunto com a professora da sala de recurso para que o desenvolvimento e interação desse aluno seja positivo na sociedade ouvinte sem nenhum obstáculo. Por fim, podemos notar que os métodos utilizados nessa sala para o letramento da L2 causam um efeito positivo no qual a aluna faz uso socialmente da leitura e da escrita nas práticas diárias.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CASARIN, Melânia Melo. Ações para incluir e práticas pedagógicas na educação de surdos. In: SILUK, Ana Cláudia Pavão. **Atendimento Educacional Especializado: Contribuições para a Prática Pedagógica**. 1.ed., 1. reimpr. Santa Maria: UFSM, CE, Laboratório de Pesquisa e Documentação, 2014.
- DAMÁZIO, Mirlene Ferreira Macedo. **Atendimento Educacional Especializado: pessoa com surdez**. SEESP/SEED/MEC. Brasília/DF, 2007.
- GOLDFELD, Márcia. **A criança surda: Linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista**. 4ªed. São Paulo: Plexus Editora, 2002.
- HONORA, Márcia; FRINZANCO, Mary Lopes Esteves. **Livro ilustrado de Língua Brasileira de Sinais: Desvendando a comunicação usada pelas pessoas com surdez/São Paulo: Ciranda Cultural, 2009.**
- LIBRAS, Academia de. Equipe. **Leis para Surdos e Libras no Brasil**. Dezembro, 23 de 2019. Disponível em: <https://academiadelibras.com/blog/leis-para-os-surdos-e-libras/> Acesso em: 08/09/2023.
- LIMA, M.S. **Surdez, Bilinguismo e Inclusão**. Tese de Doutorado em Linguística Aplicada. Campinas : IEL/ Unicamp, 2004.
- MARCONI, Marina de Andrade e LAKATOS, Eva Maria e. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5. Ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da Fala Para a Escrita: Atividades de Retextualização**. São Paulo: Cortez, 2007.
- MOURA, Maria Cecília de. **O Surdo: Caminhos para uma Nova Identidade**. Rio de Janeiro: Revinter Ltda, 2000.
- QUADROS, Ronice Muller de. **O ‘BI’ em bilinguismo na educação de surdos**. In: FERNADES, Eulalia (Org.). Surdez e bilinguismo. Porto Alegre: Mediação, 2010. p. 27 – 37.
- QUADROS, Ronice Müller de; SCHMIEDT, Magali L. P. **Ideias para ensinar português para alunos**. – Brasília: MEC, SEESP, 2006. 120 p.
- SOARES, Magda Becker. **Alfabetização e Letramento: Caminhos e Descaminhos**. São Paulo: Pátio, 2004.
- TURCHIELLO, Priscila; SILVA, Sandra Suzana Maximowitz; GUARESCHI, Tais. In: SILUK, Ana Cláudia Pavão. **Atendimento Educacional Especializado: Contribuições para**

**a Prática Pedagógica.** 1.ed., 1. reimpr. Santa Maria: UFSM, CE, Laboratório de Pesquisa e Documentação, 2014.

## APÊNDICE



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE – UFS  
 CAMPUS PROFESSOR ALBETO CARVALHO  
 DEPARTAMENTO DE LETRAS – DLI  
 DISCENTE: MARIA ALICE DA MOTA BATISTA  
 DOCENTE: DAISY MARA MOREIRA DE OLIVEIRA

### Questionário

1- Qual a sua especialização?

Sou formada em Letras/Português e tenho especialização em Atendimento Especializado e Educação Inclusiva

2- Quanto tempo de atuação na educação com alunos surdos?

37 anos ~~22-26~~

3- Qual a faixa-etária dos alunos atendidos na sala de recursos?

~~Entre~~ Um aluno com 22 anos  
 Uma aluna com 36 anos

4- Qual a metodologia utilizada na sala de recurso?

Sempre trabalho utilizando imagens, jogos educativos, vídeos em Libras, etc...

5- Como a língua portuguesa é ensinada na sala de recurso?

Como segunda língua e por meio da língua materna do aluno a Libras

6- Como você observa a evolução da escrita e aprendizagem em língua portuguesa dos alunos com deficiência auditiva?

A evolução é bem lenta, principalmente quando o aluno não tem interesse em aprender. O incentivo precisa ser constante, já que se interessarem a evolução é mais rápida e prazerosa.

7-Quais são as suas maiores dificuldades na organização do conteúdo e atendimento do aluno com surdez?

Minha maior dificuldade é despertar o interesse do aluno, como também, manter a relação com os conteúdos do ensino regular.

8-Como funciona a organização do tempo destinado ao aluno na sala de recurso?

Eles são atendidos 2 vezes por semana, 2 horários por tarde de atendimento.

9-O professor de sala de aula sempre lhe dar uma devolutiva sobre as dificuldades e desenvolvimento do aluno?

Nem sempre, a maioria das vezes eu preciso saber.

10-Os conteúdos abordados na sala de recursos são relacionados com os trabalhados na sala regular?

Sempre procuro relacionar com os conteúdos do ensino regular, mas às vezes torna-se complicado, mas tento.

11-Qual é o nível da aprendizagem da língua materna dos alunos com surdez?

Um sabe muito pouco a Libras, pois além da surdez possui síndrome de Down e já chegou pra aprender a estudar com quase 19 anos. A outra tem uma boa fluência.

12- Você considera que a sala de recurso um local que desenvolve de forma significativa a aprendizagem social e pessoal do aluno surdo? Justifique.

Sim. Procuro trabalhar com meus alunos de modo significativo tanto o conteúdo do ensino regular que eles têm dificuldade, como a aprendizagem social e pessoal.

13-Em sua opinião, existe algo que pode ser melhorado na realização do atendimento dos deficientes auditivos?

No meu caso não, pois tenho a formação adequada para trabalhar com eles.

**BASEADO NAS DIRETRIZES CONTIDAS NA RESOLUÇÃO CNS Nº466 /2012, MS.**

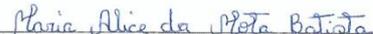
Prezado (a) Senhor (a)

Esta pesquisa é sobre o ensino da língua portuguesa para o aluno com surdez em uma sala de recurso e está sendo desenvolvida por Maria Alice da Mota Batista do curso de letras da Universidade Federal de Sergipe, sob orientação do (a) Prof (a) Daisy Mara Moreira de Oliveira

Os objetivos do estudo têm como prioridade discutir sobre o letramento do aluno com surdez do 9º ano do ensino fundamental na sala de recurso de uma escola no município de Itabaiana. A finalidade desse trabalho é contribuir no processo de letramento do aluno com surdez no âmbito do seu percurso educacional, e através deste, termos uma melhor visão da realidade.

Solicitamos a sua colaboração para realizamos observações na sala de recurso com o aluno com surdez. Nesse sentido, a intenção dessa observação e conhecer mais de perto como o aluno surdo se desenvolve no seu processo de letramento. Além da observação, utilizamos um questionário com perguntas abertas para a docente da sala de recurso, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos e publicar em revista de científica nacional e/ou internacional. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo absoluto. Informamos que essa pesquisa ao ser percebido algum dano ou risco para o participante de imediato será disponibilizado assistência integral às complicações e danos decorrentes dos riscos previstos.

Esclarecemos que sua participação (ou a participação do menor ou outro participante pelo qual ele é responsável) no estudo é voluntária e, portanto, o (a) senhor (a) não é obrigado (a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo pesquisador (a). Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano, nem haverá modificação na assistência que vem recebendo na Instituição (se for o caso). Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

  
Assinatura do (a) pesquisador (a) responsável

Considerando, que fui informado (a) dos objetivos e da relevância do estudo proposto, de como será minha participação, dos procedimentos e riscos decorrentes deste estudo, declaro o meu consentimento em participar da pesquisa, como também concordo que os dados obtidos na investigação sejam utilizados para fins científicos (divulgação em eventos e publicações). Estou ciente que receberei uma via desse documento.

Itabaiana, 11 de dezembro de 2023



Impressão dactiloscópica

Alexandra Rezende dos Santos Andrade  
Assinatura do participante ou responsável legal